

# **O MARXISMO COMO PROJETO** **E A EXPERIENCIA CHINESA**

**THEOTONIO DOS SANTOS\***

thdossantos@terra.com.br

\*Professor titular da Universidade Federal Fluminense, Diretor da Cátedra e Rede da UNESCO e da Universidade das Nações Unidas sobre Economia Global e Desenvolvimento Sustentável ([www.reggen.org.br](http://www.reggen.org.br)) .

**O MANIFESTO DO PARTIDO COMUNISTA E**

## O MARXISMO COMO PROJETO

O Manifesto que Marx e Engels se encarregaram de redigir em 1848 para definir as linhas gerais da organização secreta, a Liga dos Comunistas, à qual se juntaram em 1846, é um marco fundamental no longo processo de constituição do pensamento socialista contemporâneo.

Em primeiro lugar, por sua força teórica, que refletia uma nova concepção da filosofia, da ciência, da história e da relação da humanidade com a natureza que ambos haviam amadurecido neste período. Marx e Engels haviam escrito em conjunto A Ideologia Alemã, livro no qual “acertavam as contas” teóricas com o neo-hegelianismo.

Uma das descobertas fundamentais expressa na Ideologia Alemã, particularmente nas Teses sobre Fuerbach, que fazem parte dela, era a determinação da relação entre as condições materiais e o pensamento. O materialismo Francês e Fuerbach já haviam demonstrado que as idéias encontravam sua base no cérebro humano e no funcionamento dos sentidos. Marx e Engels aprofundaram este ponto de vista ao mostrar que o conhecimento é um fruto do conjunto das atividades humanas em cada fase histórica determinada. Ele é sempre limitado, mas é acumulativo, no sentido de que pode observar e superar seus erros e limites de cada época e avançar em sua capacidade de apropriação da natureza material e social. Mas, ao lado disto, ele reflete também as condições sociais de cada modo de produção e de cada formação social. Seu conteúdo de classe é manifesto ao se produzir não só para processar o comércio do homem com a natureza mas também para reproduzir as condições de dominação em que estas relações ocorrem.

Neste sentido, o Manifesto retoma algumas idéias centrais da Ideologia Alemã de forma genialmente sintética e abre o enorme campo do estudo das ideologias, da consciência de classe, do que seria depois a sociologia do conhecimento. Ele realiza um salto filosófico evoluindo da crítica transcendental de Kant e da crítica histórica dialética de Hegel para uma ciência crítica da base material histórica do pensamento. Neste sentido, o Manifesto anuncia o materialismo dialético, cujo desenvolvimento posterior irá representar um papel enorme na evolução da Filosofia e das Ciências Sociais.

Este projeto de uma ciência nova e tão radicalmente crítica só seria possível porque as condições materiais em que se apóiam a sociedade moderna estavam em pleno avanço. Elas darão suporte ao comunismo e mudarão radicalmente toda a história humana. Com o comunismo se abolirão a divisão da sociedade em classes, a produção do trabalhador alienada ao capital, o processo de trabalho que escraviza o trabalhador à máquina. Este projeto será fundador de um pensamento novo realmente livre que terminará com a tradição ideológica que caracterizou toda a história durante o período em que ela foi determinada pela luta de classes.

Estes argumentos se desenvolvem magnificamente no Manifesto, apontando para uma verdadeira revolução do pensamento humano. Marx mostrou que **“al cambiar las condiciones de vida, las relaciones sociales, la existencia social del hombre, cambian también sus ideas, sus opiniones y sus conceptos, su conciencia, en una palabra”**. Por tanto, **“las ideas imperantes en una época han sido siempre las ideas propias de la clase imperante”**. (1)

Em segundo lugar, o Manifesto Comunista, como ficou conhecido, representava também uma crítica definitiva ao Socialismo Utópico e às demais correntes do socialismo reformista da sua época. Marx havia escrito, em 1847, A Miséria da Filosofia, livro no qual fazia a crítica do anarquismo de Proudhon. Neste período, Engels, que se converteria em seu colaborador de toda a vida, tinha não somente realizado o estudo das condições de vida da classe operária na Inglaterra mas também preparado um balanço do pensamento socialista do período.

No prólogo à edição polonesa do Manifesto, em 1892, Frederico Engels assinalava a relação entre o triunfo da grande indústria capitalista e o triunfo do marxismo em substituição às várias modalidades do socialismo utópico. A publicação do Manifesto é apresentada por Engels como a expressão da difusão do marxismo junto às massas e a consequente criação de uma nova consciência de classe:

Em terceiro lugar o Manifesto Comunista representa o amadurecimento do projeto teórico de Marx e Engels no sentido de realizar uma crítica da Economia Política e abrir

caminho para uma visão científica do funcionamento do capitalismo contemporâneo, suas contradições e suas tendências históricas que conduziam à necessidade de um modo de produção superior (o comunismo) e a uma formação social de transição que permitiria criar este novo modo de produção - o socialismo.

Marx e Engels traçam no Manifesto um quadro histórico da constituição do capitalismo ainda hoje insuperável como descrição dos elementos centrais deste processo.

Analisa as condições de surgimento da burguesia como classe dominante numa escala necessariamente mundial em pinceladas magistrais. Em seguida mostram que estas condições geradas pela formação do mercado mundial e pela expansão do capitalismo comercial não são suficientes para gerar um novo modo de produção. Para tal era necessário gerar um regime de produção novo, baseado nas relações salariais de produção, na divisão do trabalho, na cooperação sistêmica entre os trabalhadores e finalmente na grande indústria. O Manifesto mostrou ainda o papel da revolução industrial na constituição da hegemonia histórica da burguesia e na constituição do modo de produção capitalista:

O Manifesto já estabelecia com clareza o papel do mercado mundial na constituição do capitalismo contemporâneo. Não se tratava somente do mercado que emergiu com os grandes descobrimento e a expansão colonial. Tratava-se de uma nova economia mundial que se funda na expansão da grande indústria e na divisão internacional do trabalho que ela promove em escala mundial: **“La gran industria creó el mercado mundial, ya preparado por el descubrimiento de América. El mercado mundial imprimió un gigantesco impulso al comercio, a la navegación, a las comunicaciones por tierra. A su vez, estos progresos redundaron considerablemente en provecho de la industria, y en la misma proporción en que se dilataban la industria, el comercio, la navegación, los ferrocarriles, desarrollaba se la burguesía, crecían sus capitales, iba desplazando y esfumando a todas las clases heredadas de la Edad Media.”** (2)

A hegemonia da burguesia como classe não se limita ao plano econômico e material. Ela se projeta ao plano da superestrutura, tal como a metodologia dialética materialista o antecipava. Em fortes pinceladas, o Manifesto estabeleceu ainda o quadro político-institucional e ideológico da hegemonia burguesa que se confunde em geral

com a formação do moderno estado nacional. Mas a superestrutura ideológica não se restringe ao plano das instituições fundamentais que criaram o Estado moderno. Marx e Engels chegam a descrever inclusive a superestrutura moral e espiritual gerada pela hegemonia do modo de produção capitalista, na qual a implantação do espírito científico, do domínio da razão, das relações associativas societárias seriam os elementos chave.

Marx e Engels não escondem sua admiração pela obra revolucionária do capitalismo. Mas não se curvam ante ele. Mostram também seus limites históricos e a violência e crueldade que lhe é inerente. Desta forma, este quadro sintético é construído dialéticamente e lhes permite mostrar o socialismo e o comunismo nascendo do interior das relações de produção e da superestrutura ideológica, cultural e espiritual do modo de produção capitalista.

**A burguesia não pode existir sem revolucionar constantemente os instrumentos de produção, portanto as relações de produção, e por conseguinte todas as relações sociais. A conservação inalterada dos antigos modos de produção era a primeira condição de existência de todas as classes industriais anteriores. A transformação contínua da produção, o abalo incessante de todo o sistema social, a insegurança e o movimento permanente distinguem a época burguesa de todas as demais. As relações rígidas e enferrujadas, com suas representações e concepções tradicionais, são dissolvidas, e as mais recentes tornam-se antiquadas antes de que se consolidem. Tudo o que era sólido desmancha no ar, tudo que era sagrado é profano, e as pessoas são finalmente forçadas a encarar com serenidade sua posição social e suas relações recíprocas. (3)**

Esta desilusão, este desencanto produzido pela revolução burguesa não deve assustar-nos. Não se trata de regressar à tranquilidade medieval. O socialismo levará esta dura confrontação com o real muito mais longe ainda. Desta forma, os jovens revolucionários esbaleceram, genialmente, o cenário planetário em que se debaterá a luta pelo socialismo como produto histórico da dominação burguesa. O Manifesto anuncia com grande força a temática da globalização.

**A necessidade de mercados sempre crescente para seus produtos impele a burguesia a conquistar todo o globo terrestre. Ela precisa estabelecer-se, explorar e criar vínculos em todos os lugares.**

**Pela exploração do mercado mundial, a burguesia imprime um caráter cosmopolita à produção e ao consumo em todos os países. Para grande pesar dos reacionários, ela retirou a base nacional da indústria. As indústrias nacionais tradicionais foram, e ainda são, a cada dia destruídas. São substituídas por novas indústrias, cuja introdução se tornou essencial para todas as nações civilizadas. Essas indústrias não utilizam mais matérias-primas locais, mas matérias primas provenientes das regiões mais distantes, e seus produtos não se destinam apenas ao mercado nacional, mas também a todos os cantos da Terra. Ao invés das necessidades antigas, satisfeitas por produtos do próprio país, temos novas demandas supridas por produtos dos países mais distantes, de climas os mais diversos. No lugar tradicional auto-suficiência e do isolamento das nações surge uma circulação universal, uma interdependência geral entre os países. E isso tanto na produção material quanto na intelectual. Os produtos intelectuais das nações passam a ser de domínio geral. A estreiteza e o isolamento nacionais tornam-se cada vez mais impossíveis, e das muitas literaturas nacionais e locais nasce uma literatura mundial. (4)**

Como se estivéramos lendo textos recentes sobre a globalização relemos as páginas geniais de Marx e Engels sobre o imperialismo, o colonialismo, a metropolização, etc.

Em nenhum momento eles se detêm diante da amplitude da obra histórica realizada pela burguesia e o modo de produção capitalista. Ao contrário de outros autores socialistas, eles não vêem nenhuma alternativa ao modo produção capitalista como instaurador de uma economia e sociedade mundiais. Nisto se diferencia de Immanuel Wallerstein que admite um outro ou outros caminhos para a formação de um sistema mundial. Neste sentido Marx e Engels mostram sua profunda identificação com o Iluminismo filosófico do século XVIII. Mas eles logram superá-lo ao descrever o triunfo da revolução industrial, da razão, da ciência e do conhecimento como um simples momento de um processo muito mais amplo e profundo de revolução: a comunista.

**Com a rápida melhora dos instrumentos de produção e das comunicações, a burguesia logra ingressar na civilização até os povos mais bárbaros. Os preços baratos de suas mercadorias são a artilharia pesada com a qual ela derruba toda as muralhas da China e faz capitular até os povos bárbaros mais hostis aos estrangeiros. Sob a ameaça da ruína, ela obriga todas as nações a adotarem o modo burguês de produção; força-as a introduzir a assim chamada civilização, quer dizer, a se tornar burguesas. Em suma, ela cria um mundo à sua imagem e semelhança. (5)**

Sua análise se mostra profundamente crítica e acerta ao anunciar grande parte da temática moderna: o imperialismo, a metropolização, a divisão internacional do trabalho:

**A burguesia submeteu o campo à cidade. Criou cidades enormes, aumentou prodigiosamente a população urbana em comparação com a rural e, dessa forma, arrancou uma grande parte da população do embrutecimento da vida do campo. Assim como colocou o campo sob o domínio da cidade, também pôs os povos bárbaros e semibarbaros na dependência dos civilizados, as nações agrárias sob julgo das burguesas, o Oriente sob o Ocidente. (6)**

Se é verdade que o Manifesto não discute a passagem para o capitalismo ou para o socialismo nos países agrários e coloniais, será num dos últimos prólogos ao Manifesto (à edição alemã de 1890) que Engels retomará o prólogo de Marx ao Capital, escrito para a tradução russa em 21 de janeiro de 1882, pouco antes de sua morte. Neste texto, depois de vastos estudos sobre a comunidade rural russa Marx, criticava qualquer interpretação esquemática do materialismo histórico como uma rígida sucessão de modos de produção. Ele escrevia então:

**El Manifiesto Comunista se proponía por misión proclamar la desaparición inminente e inevitable de la propiedad burguesa en su estado actual. Pero en Rusia nos encontramos con que, coincidiendo con el orden capitalista en febril desarrollo**

**y la propiedad burguesa del suelo que empieza a formarse, más de la mitad de la tierra es propiedad común de los campesinos.**

**Ahora bien - nos preguntamos -, ¿ puede este régimen comunal del concejo ruso, que es ya, sin duda, una degeneración del régimen de comunidad primitiva de la tierra, trocarse directamente en una forma más alta de comunismo del suelo, o tendrá que pasar necesariamente por el mismo proceso previo de descomposición que nos revela la historia del occidente de Europa?**

**La única contestación que, hoy por hoy, cabe dar a esa pregunta, es la siguiente: Si la revolución rusa es la señal para la revolución obrera de Occidente y ambas se completan formando una unidad, podría ocurrir que ese régimen comunal ruso fuese el punto de partida para la implantación de una nueva forma comunista de la tierra.**

**Londres, 21 enero 1882. (Idem, ps. 37). (7)**

Em quarto lugar, o Manifesto traça em termos gerais, sob a forma de uma polêmica com as críticas dos anti-comunistas, os novos valores que deveriam orientar esta nova sociedade emergente. A abolição da propriedade burguesa, a organização e elevação dos assalariados à condição de dirigentes da sociedade, abolindo todas as relações de dominação de classe ao romper a base mesma da divisão da sociedade em classes, a libertação da mulher e da criança do jugo paternalista, a superação do antagonismo e da dominação de umas nações por outras. A democracia e a república são os ambientes políticos para estas tendências que permitirão uma sociedade em que “o livre desenvolvimento de cada um seja a condição para o desenvolvimento livre de todos”.

No Manifesto, eles traçam um quadro sintético impressionantemente atual sobre a passagem para um novo regime social e as características deste processo de transição socialista. Em primeiro lugar trata-se de assegurar o poder dos trabalhadores. Apesar de que o Manifesto Comunista não se refere à ditadura do proletariado, indica o caminho da centralização de poderes e da propriedade como um primeiro passo necessário:

**Já vimos que o primeiro passo da revolução dos trabalhadores é a ascensão do proletariado à situação de classe dominante, ou seja, a conquista da democracia.**



**O proletariado vai usar seu predomínio político para retirar, aos poucos, todo o capital da burguesia, para concentrar todos os instrumentos de produção nas mãos do Estado – quer dizer, do proletariado organizado como classe dominante – e para aumentar a massa das forças produtivas o mais rapidamente possível.**

**Naturalmente, isso só pode ocorrer, de início, por meio de intervenções despóticas no direito de propriedade e nas relações burguesas de produção; através, portanto, de medidas que talvez pareçam insuficientes e insustentáveis do ponto de vista econômico, mas que tragam resultados para além de si mesmas e sejam indispensáveis para revolucionar todo modo de produção.**

**Essas medidas terão que ser diferentes nos vários países. (8)**

O Manifesto já anunciava também a tese do desaparecimento do Estado como resultado da extinção das classes sociais. O objetivo do comunismo é alcançar a abundância e o pleno desenvolvimento do indivíduo. Trata-se portanto de uma nova e radical forma de coletivismo. Seu objetivo não é submeter o indivíduo à coletividade e sim o contrário, submeter a coletividade ao pleno desenvolvimento de cada indivíduo:

**Tan pronto como, en el transcurso del tiempo, hayan desaparecido las diferencias de clase y toda la producción esté concentrada en manos de la sociedad, el Estado perderá todo carácter político. El Poder político no es, en rigor, más que el poder organizado de una clase para la opresión de la otra. El proletariado se ve forzado a organizarse como clase para luchar contra la burguesía; la revolución le lleva al Poder; mas tan pronto como desde él, como clase gobernante, derribe por la fuerza el régimen vigente de producción, con éste hará desaparecer las condiciones que determinan el antagonismo de clases, las clases mismas, y, por tanto, su propia soberanía como tal clase.**

**Y a la vieja sociedad burguesa, con sus clases y sus antagonismos de clase, sustituirá una asociación en que el libre desarrollo de cada uno condicione el libre desarrollo de todos. (Idem, ps. 79). (9)**

Portanto os objetivos finais são verdadeiramente radicais. Para alcança-los se necessita um longo período de transição. Esta fase de transição ainda se desenvolve no campo histórico-social criado pela revolução burguesa, como se pode desprender de vários textos do Manifesto, como o seguinte que coloca a questão nacional tão debatida até hoje.

**Los trabajadores no tienen patria. Mal se les puede quitar lo que no tienen. No obstante, siendo la mira inmediata del proletariado la conquista del Poder político, su exaltación a clase nacional, a nación, es evidente que también en él reside un sentido nacional, aunque ese sentido no coincida ni mucho menos con el de la burguesía.**

**Ya el propio desarrollo de la burguesía, el librecambio, el mercado mundial, la uniformidad reinante en la producción industrial, con las condiciones de vida que engendra, se encargan de borrar más y más las diferencias y antagonismos nacionales.**

**El triunfo del proletariado acabará de hacerlos desaparecer. La acción conjunta de los proletarios, a lo menos en las naciones civilizadas, es una de las condiciones primordiales de su emancipación. En la medida y a la par que vaya desapareciendo la explotación de unos individuos por otros, desaparecerá también la explotación de unas naciones por otras.**

**Con el antagonismo de las clases en el seno de cada nación, se borraré la hostilidad de las naciones entre sí. (Idem, ps. 75-76). (10)**

Neste momento, o projeto teórico-histórico-cultural do marxismo se faz mais radical e revolucionário. Não se trata de abolir uma economia, uma sociedade, uma estrutura política e cultural. Trata-se de abolir as bases mesmas destas formas culturais e gerar um homem novo, uma nova natureza humana. O radicalismo deste projeto ainda não encontrou o desenvolvimento teórico e prático correspondente, apesar das enormes transformações que a modernidade capitalista, a crítica socialista e o anúncio de uma época pós-moderna vêm colocando à humanidade. Se o marxismo é um projeto teórico a ser desenvolvido seria este o seu aspecto mais revolucionário e mais desafiante.

Por isto é bom encerrarmos esta releitura com uma argumentação profundamente desafiadora:

**Además, se seguirá arguyendo, existen verdades eternas, como la libertad, la justicia, etc., comunes a todas las sociedades y a todas las etapas de progreso de la sociedad. Pues bien, el comunismo - continúa el argumento - viene a destruir estas verdades eternas, la moral, la religión, y no a sustituirlas por otras nuevas; viene a interrumpir violentamente todo el desarrollo histórico anterior.**

**Veamos a qué queda reducida esta acusación.**

**Hasta hoy, toda la historia de la sociedad ha sido una constante sucesión de antagonismos de clases, que revisten diversas modalidades, según las épocas.**

**Mas, cualquiera que sea la forma que en cada caso adopte, la explotación de una parte de la sociedad por la otra es un hecho común a todas las épocas del pasado. Nada tiene, pues, de extraño que la conciencia social de todas las épocas se atenga, a despecho de toda la variedad y de todas las divergencias, a ciertas formas comunes, formas de conciencia hasta que el antagonismo de clases que las informa no desaparezca radicalmente.**

**La revolución comunista viene a romper de la manera más radical con el régimen tradicional de la propiedad; nada tiene, pues, de extraño que se vea obligada a romper, en su desarrollo, de la manera también más radical, con las ideas tradicionales. (Idem, ps. 77). (11)**

Em quinto lugar, o Manifesto apontava as linhas estratégicas necessárias para constituir um movimento permanente ou o núcleo do que seria um partido político da classe trabalhadora que se ocuparia de definir a tática e o programa máximo e mínimo desta batalha histórica que já se esboçava no continente europeu e que se convertia em universal ou planetária.

O Manifesto Comunista se diferencia assim de outros documentos similares pelo seu caráter de projeto. Ele não oferece uma proposta fechada à humanidade e sim um vasto projeto filosófico, teórico, econômico (crítico) e político. O objetivo deste artigo é o de destacar os elementos essenciais deste projeto que irá se desdobrando durante a vida

desta peculiar equipe de pensadores que se associou profundamente à história do movimento operário.

O Manifesto Comunista foi escrito às vésperas das revoluções de 1848 que abalaram a Europa conservadora, que tentara deter a onda revolucionária iniciada pela revolução francesa de 1789. Nelas, o proletariado recém organizado tinha uma posição secundária. Seu máximo objetivo, definido por Marx no Manifesto e reafirmado e esclarecido na “Circular à Liga dos Comunistas”, escrita em 1850, onde faz um balanço da experiência revolucionária de 1848, era a de empurrar e radicalizar a revolução democrática comandada pela burguesia mais radical. A circular propunha, ao mesmo tempo, desestabilizar permanentemente as facções vitoriosas da burguesia para manter a revolução em permanente movimento. A concepção da “revolução permanente” que nasce neste texto e que já estava implícita no Manifesto Comunista foi a orientação estratégica dos comunistas por um longo período e atravessou mesmo o século XIX para irromper no século XX na revolução russa e nos debates posteriores sobre a revolução no Terceiro Mundo, onde as revoluções burguesa e de libertação nacional se converteram no objetivo central dos movimentos revolucionários.

Contudo, em 1851, Marx e Engels vão perceber a passagem da onda revolucionária e a consolidação da recuperação econômica capitalista. Isto foi o suficiente para que propusessem a dissolução da Liga dos Comunistas que, segundo acreditavam, era a expressão de uma fase ultrapassada da organização do movimento socialista - as seitas secretas. Tratava-se agora de reorganizar abertamente o movimento operário com objetivos de classe mais bem definidos como virá a ocorrer na Associação Internacional dos Trabalhadores que existirá entre 1865 e 1871, quando Marx e Engels advogarão por sua dissolução. Tratava-se de abrir caminho aos grandes partidos operários que se organizarão na II Internacional em torno do Partido Social Democrata Alemão, filho direto da ação política e doutrinária de Marx e Engels.

A CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA, O CAPITAL E O PROJETO CIENTÍFICO DE MARX

O fracasso das revoluções de 1848 e a superação histórica da Liga dos Comunistas e a constatação da recuperação econômica de longo prazo a partir de 1850, indicavam a Marx e Engels a necessidade de aprofundar a Crítica da Economia Política e deu origem ao projeto impressionante da redação de uma obra gigantesca da qual O Capital seria somente o primeiro volume.

Todos sabemos as dificuldades que teve Marx para executar esta obra, mas não há clareza suficiente sobre o conjunto de seu projeto, assim como sobre a extensão de seus estudos e do trabalho de redação que chegou a empreender. Em estudos recentes, Enrique Dussel (1) nos chama a atenção para este gigantesco esforço de Marx e para o enorme trabalho de exegese que resta por fazer.

O Capital fazia parte de um projeto intelectual que poderíamos descrever sumariamente nas seguintes partes apresentadas por Marx em vários textos:

“Em julho de 1863 ... numa obra de seis partes; as três primeiras partes correspondem às três classes fundamentais da sociedade capitalista: as classes capitalista, donos de terra, e operária” (2). Os 3 volumes do capital se referem somente ao primeiro conceito e o volume 3º do O Capital termina com o capítulo inacabado sobre as classes sociais. Assim define Marx seu projeto nos Grundrisse (3):

As 3 partes seguintes são definidas assim:

- Síntese da sociedade burguesa sob a forma de Estado. Considerada na relação consigo mesma. As classes improdutivas. Impostos. Dívida Pública. Crédito Público. A população. As colônias. Emigração.

- Relações internacionais da produção. Divisão Internacional do trabalho. Intercâmbio internacional. Exportação e importação. Curso do câmbio.

- O mercado mundial e a crise (4).

Vê-se, portanto, que o Manifesto Comunista anunciava e abria uma enorme problemática intelectual e política para o movimento obreiro ainda nascente. Marx e Engels avançaram para a definição e aprofundamento deste projeto que já se esboçava no mais bem sucedido panfleto de todos os tempos. Isto porque ele encerrava um projeto para a humanidade: de teoria e de prática, como era o objetivo do materialismo dialético. Cabe às novas gerações dar continuidade a este esforço.

## Passar para o final ou para o pé de página

### NOTAS

- (1) Enrique Dussel, El Último Marx (1863-1882) y la Liberación Latinoamericana, Siglo XXI editores e UAM - Iztapalapa, México, 1990. Trata-se de “Um comentário à terceira e quarta redação do Capital”.
- (2) Idem, *ibidem*, p. 14.
- (3) Grundrisse. Edição em espanhol, Siglo XXI, México 1972, tomo I, pag. 29, apud Dussel.
- (4) Idem, *ibidem*, pag. 301-307, apud Dussel.

## O MARXISMO E A EXPERIÊNCIA CHINESA

As impressionantes mudanças que estão ocorrendo na China são apresentadas por grande parte da mídia como uma vitória do neoliberalismo, apesar de serem conduzidas por um Partido Comunista que não renunciou à sua origem doutrinária marxista. A Universidade de Renmin, em Pequim, convoca um seminário para discutir até que ponto o processo em vigência na China pode ser pensado a partir das categorias básicas do marxismo. Estas são as idéias que me proponho defender em minha conferência:

Como vimos, a obra científica de Marx esteve voltada fundamentalmente para a compreensão do modo de produção capitalista cujo poder de transformação da base material da sociedade contemporânea criava as condições para a existência de uma civilização superior que eliminaria as classes sociais e instauraria uma economia da abundância.

Estas características contraditórias deste modo de produção, ainda insuficientemente estudado em sua época, justificavam que ele dedicasse a maior parte de suas energias ao estudo do mesmo. Ao mesmo tempo, este esforço científico lhe permitia pôr em prática o instrumental teórico e metodológico que sua filosofia da práxis, materialista, histórica e dialética lhe entregava.

Dentro da perspectiva de que esta atividade teórica serviria à prática política e histórica da classe trabalhadora emergente, que se instaurava como um novo agente de transformação da humanidade, ele procurava destacar as contradições da evolução deste modo de produção na direção de um novo modo de produção cujas características se divisavam de uma maneira muito geral a partir de certas deduções retiradas da análise científica muito abstrata do capitalismo.

Por esta razão, Marx e Engels, seu companheiro nesta aventura teórica e prática, nunca se propuseram a apresentar um modelo ideal ou mesmo um projeto sistemático das características desta nova sociedade. Suas afirmações sobre o tema foram muito concisas e suficientemente gerais para não confundir seu rigoroso trabalho científico com exercícios da imaginação criadora que tanto estimulava os chamados socialistas utópicos que os precederam.

Não se tratava evidentemente de desprezar este exercício da imaginação que eles chegaram a utilizar em seu trabalho científico, mas de dotar os trabalhadores de um instrumental metodologicamente rigoroso que pudesse separar o que era legítima vontade de criar um mundo novo do estudo de suas condições concretas de existência.

A história do "marxismo" seguiu caminhos complexos e diversificados segundo o conteúdo das lutas políticas, culturais e sociais que enfrentou este ambicioso projeto de mudança. Seguiu também diferentes concentrações temáticas e metodológicas de acordo com as estruturas sociais em que se enraizou. De fato, depois da morte de Marx e Engels, esta corrente se enraizou profundamente na história da Alemanha cujo Partido Social Democrático e a Internacional Socialista que derivou de suas lutas, foi o berço do marxismo que se implantou no final do século XIX e grande parte do século XX. Kautski, Berstein, Mehring, Rosa Luxemburgo são alguns marcos desta fase. Nenhum deles se dedicou também em formular um projeto de uma nova sociedade. Colocando-se em posições diversas e até conflitantes, enfrentaram sobretudo a questão histórica da implantação de um Partido Operário numa sociedade capitalista. Seus debates sobre reforma ou/e revolução eram o horizonte em que se enfocava a questão do programa e da estratégia e tática do Partido Socialista. Este debate se desenvolveu na Europa principalmente no contexto de uma sociedade democrática que teve que abrir caminho às exigências econômicas e políticas da nova classe proletária. O chamado marxismo ocidental, em suas versões locais como o austríaco, o italiano (com sua versão Gramsciana), o esquerdismo de George Luckaks jovem, e tantos outros não se caracterizaram também por uma discussão profunda sobre a nova sociedade pós-capitalista.

Uma história original se destaca no caso do marxismo russo, que foi, em parte, uma derivação do alemão, em parte, herdeiro do populismo russo (os primeiros em traduzir a obra magna de Marx, O Capital) com o qual Plejanov, Lenin e outros polemizaram. Mas nenhum deles pôde escapar da problemática da revolução socialista numa sociedade agrária e autocrática, tema que os populistas converteram no centro de sua preocupação política e teórica. Sua revolução democrática apontava para o socialismo e retomava

temas que Marx e Engels tinham enfrentado nas revoluções de 1848 na Europa e que o Manifesto do Partido Comunista refletia muito diretamente.

A originalidade dos russos derivava do fato de terem tomado o poder à frente de um grande movimento revolucionário dirigido por operários em armas, mas sobretudo por camponeses mobilizados por uma guerra colossal que nem a autocracia nem os liberais podiam conduzir até o final. Daí nasceu pela primeira vez uma problemática nova. É possível construir o socialismo, originariamente pensado como uma sociedade pós-capitalista, numa região do mundo onde o capitalismo acabava de se implantar numa economia basicamente agrícola e numa sociedade política autocrática.

Não há dúvida de que este debate ( e a solução final que aí se implantou com a revolução de outubro de 1917) tinha uma enorme ressonância no mundo periférico do imperialismo mundial o qual se debilitava nas lutas intestinas derivadas da primeira guerra, da crise de 1929 e da segunda guerra mundial. Há de se destacar a América Latina onde Mariátegui ocupa uma posição central, mas nos interessa aqui pôr ênfase em outras regiões do mundo. Entre as zonas onde esta problemática se implantou profundamente estava, sem dúvida, o antigo império chinês, submetido a lutas intestinas colossais para poder superar a decadência de seu império e situar-se na sociedade moderna que se implantava mundialmente.

Pode-se falar de um marxismo asiático que resgata o instrumental teórico e metodológico da dialética para orientar a prática anticolonialista que busca incorporar à sociedade moderna uma gigantesca população rural e culturas milenares que se inserem em civilizações de grande significado planetário. Pretender reduzir este processo a uma só corrente do pensamento ocidental é evidentemente um ato de sectarismo muito perigoso. O marxismo asiático teve que confrontar-se com o passado cultural destas civilizações que el e o Ocidente em geral desconheciam e que se debatiam num presente ativo. Este presente se traduzia numa soluções ecológicas, culturais, humanas, que não podem ser varridas da terra por pretensões hegemônicas dos pensadores europeus situados em seus limites locais e até paroquiais.

Por isso, o marxismo asiático, em suas modalidades mais diferentes, como a indiana, a japonesa e, principalmente, a chinesa, levam necessariamente a uma dimensão nova da interpretação das características da nova sociedade socialista. As tentativas ocidentais de utilizar as experiências destes países, particularmente o caso chinês, para derivar modelos ideais que deveriam ser seguidos pelo ocidente foram e ainda são uma experiência perigosa.

Isto se faz mais dramático nas circunstâncias atuais em que a China apresenta um processo de crescimento econômico e desenvolvimento das forças produtivas que a põe no centro da reconstrução do mundo contemporâneo. A experiência chinesa atual é um desafio para a renovação do marxismo, tanto em sua modalidade interna, chinesa, quanto em suas várias modalidades internacionais. Trata-se de demonstrar até que ponto uma teoria e um método científico pode ser útil para analisar situações que suplantam em



muito as temáticas que lhe deram origem. Para isso é necessário garantir o rigor teórico e o esforço de abstração que não se deixe guiar por eventos desordenados.

Hoje em dia não se pode mais evitar a questão das formas concretas de transição socialista. Desde o socialismo soviético, em suas várias modalidades (comunismo de guerra, NEP, socialismo em um só país, socialismo em uma só região, socialismo maduro, socialismo da revolução científico-técnica, transição pós-socialista ou transição ao liberalismo), passando pelo socialismo de mercado que propôs Oskar Lange na década de 1940, ou o socialismo autogestionário da Iugoslávia, ou pelos regimes mistos que propôs Kaleski, ou pelo socialismo africano ou pelo socialismo árabe do partido Baaath ou pela riqueza e a originalidade do socialismo cubano, as experiências do socialismo na Ásia, particularmente na China, onde se desdobrou em modalidades tão díspares como a nova democracia, o salto para frente, a revolução cultural e finalmente o socialismo de mercado atual.

Todas essas modalidades históricas não indicariam que Marx e Engels tinham razão em negar-se a propor fórmulas operacionais específicas para um período de transição tão longo (que se convencionou chamar socialista) no qual se formariam as condições para uma sociedade superior pós-capitalista que se convencionou chamar de comunista na tradição doutrinária comunista? O que caracterizaria o socialismo não seria exatamente a condução política da sociedade de maneira a realizar as mudanças econômicas e culturais que permitiriam criar as condições para esta sociedade superior?

As lutas pela democracia efetiva, a justiça social e a solidariedade internacional baseada no respeito à soberania nacional não seriam os marcos gerais desta fase socialista na qual se desenvolveriam diferentes modalidades de capitalismo de Estado, de estado social, de economias sociais, cooperativas e autogestionárias, conduzidas por forças políticas socialistas sob uma busca de gestão autoconsciente da mudança social para uma sociedade pós-capitalista orientada por valores comunitários? E não seria este um processo planetário que passa por um comércio crescente entre os povos baseado numa cooperação ativa entre eles, superando a tentativa imperialista e as hegemonias em que se fundamenta o internacionalismo capitalista?

Em conclusão: a experiência chinesa nos faz repensar profundamente o marxismo, mas na direção original em que Marx e Engels tinham formulado. Não como uma doutrina fechada, mas como uma aventura científica, cultural e política sempre aberta.